

## Resenha do livro “O sequestro da independência: uma história da construção do mito do Sete de Setembro”, de Carlos Lima Junior, Lilia Schwarcz e Lúcia K. Stumpf

Rodrigo Estramanho de Almeida<sup>1</sup>  
ORCID: 0000-0002-0650-0896

O sequestro da independência: uma história da construção do mito do Sete de Setembro, é o segundo trabalho do trio de pesquisadores – o historiador Carlos Lima Jr. e as antropólogas Lilia Schwarcz e Lúcia Stumpf – que mais uma vez se reúne para a produção de um ensaio cujo objeto se constrói a partir de uma pintura do pintor brasileiro Pedro Américo (1843-1905). Na primeira empreitada, dedicou-se às ambivalências entre ficção e não-ficção da tela A batalha do Avaí, o enorme quadro no qual Américo retratou um marcante episódio da guerra do Paraguai. O resultado desse trabalho foi publicado em 2013 pela editora Sextante, sob o título homônimo ao da referida pintura do artista paraibano.

Agora, às vésperas do bicentenário da independência do Brasil, o trio mais uma vez lança mão de uma perspicaz estratégia de pesquisa e, como pede a boa forma de um estudo que se quer rigoroso, independentemente da dimensão do assunto ou, nesse caso, do quadro, o objeto de pesquisa deve ser metonímia a cumprir com objetivos cujas justificativas são mais que evidentes no momento em que se reiteram as efemérides nacionais e a democracia brasileira que, mais uma vez, passam por verdadeira prova de fogo.

O objeto ou a metonímia, parte pelo todo da independência brasileira, escolhida por três atentos pares de olhos, é o quadro Independência ou morte! ou O Brado do Ipiranga, obra a que Pedro Américo se dedicou nos últimos anos do segundo reinado e que ficou pronta no ano em que caiu a escravatura e apenas um ano antes da queda da monarquia que o encomendou e o subsidiou.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais, professor na FESPSP.

Seguindo as trilhas do quadro, em *O Sequestro da independência*, os autores realizam um verdadeiro inventário da obra, desde sua encomenda, seu projeto, seu destino e/ou destinos, as disputas em seu entorno, bem como toda uma iconologia que direta ou indiretamente a ela se relaciona.

Mas, como dissemos, o quadro é metonímia, e como parte pelo todo, ora contribui na operação de fazer refletir sobre outros símbolos e marcos das tradições brasileiras, tais como hinos, eventos e personagens fartamente reforçados como ícones na história dita oficial, ora à contrapelo desta história oficial (como preconizava Walter Benjamin), é utilizado em negativo, invertido, cores sobrepostas, para jogar luz em personagens e eventos decisivos para a independência do país que não estão figurados às margens do Ipiranga, mas sim da História.

Assim, o livro se dedica a outras tantas imagens, bem como monumentos, ilustrações, moedas, charges, objetos e outros resíduos indiciários de fatos, lutas e personagens que embora não tão cristalizados no imaginário nacional – como o Pedro I a cavalo no quadro de Américo – são indispensáveis para uma história a contrapelo da independência do Brasil.

Deste modo, eventos e figuras esmaecidas ou mesmo invisibilizadas nas lutas da independência, descentradas do eixo carioca - paulista no qual se travou a batalha simbólica e concreta pela localidade oficial da independência, ganham relevo na iconologia reunida, analisada e, porque não dizer, reconstruída pelos autores.

Assim, somos levados às Batalhas na Bahia entre 1822 e 1823 e a combatentes como Maria Quitéria de Jesus, imortalizada em tela de Domenico Failutti em 1920; o mesmo pintor que rendeu homenagem à mulher ícone das guerras de independência na localidade onde a independência se comemora em 2 de julho, sóror Maria Angélica de Jesus. Nestas batalhas, figura ainda Maria Felipa, mulher preta que liderava duas centenas de mulheres entre pretas e indígenas contra as tropas metropolitanas, bem como Manuel Soledade, combatente preto morto em batalha contra os portugueses, imortalizado em tela por Antônio Parreiras em 1930.

Podemos ir, também, por uma tela pintada por Francisco Paz em 2003, até a Batalha do Jenipapo, ocorrida em 1823 na Vila de Campo Maior no Piauí quando forças deste estado, do Ceará e do Maranhão se uniram contra a metrópole portuguesa. Ainda, um motim de tropas do Pará quando da adesão

à independência, cujo resultado foi o de centenas de presos e meia dezena de executados em praça pública no que ficou conhecido como a Tragédia do Brigue Palhaço, episódio pintado em 1947 por Romeu Mariz Filho.

Outras tantas pinturas recolhidas e analisadas pelos escritores, nos relembram ou nos faz conhecer sobre as várias independências ocorridas antes e depois da de 1822, tais quais a Conjuração mineira de 1789 e a baiana de 1798, a Revolução Pernambucana de 1817, a Confederação do Equador em 1824 e toda a sorte de levantes regenciais como, por exemplo, o Malês de 1835.

Entretanto, às imagens das telas e ícones analisados unem-se as histórias das imagens e a história dos fatos nos quais as imagens se basearam de modo que o leitor vai sendo carregado a um tecer e destecer no qual a leitura da imagem se mistura à leitura da história do Brasil e suas independências. Os autores produzem, assim, uma instigante narrativa das independências e cumprem com o objetivo, qual seja, de produzir uma narrativa à contrapelo da história oficial e uma crítica consistente de como a história oficial foi produzida e, ao ser produzida, como ela sequestrou dezenas de outras tantas imagens, eventos, personagens e versões não oficiais.

À leitura, o leitor não pode esperar linearidade total. Embora os capítulos sigam certa cronologia, posto que o livro se inicia pelos breves antecedentes à composição do quadro de Américo, repasse as condições e o contexto em que o quadro se consagrou e ganhou lugar em São Paulo – na disputa que o estado travou com a antiga capital Rio de Janeiro pela localidade oficial da independência no I centenário do 7 de setembro – siga estudando os eventos e desdobramentos dos efeitos políticos do simbólico durante a ditadura quando dos 150 anos da independência e, termine com um epílogo sobre o bicentenário da independência ocorrido no atual governo, todos os capítulos são compostos com certa sincronicidade imposta pela época em que as obras de arte e ícones mobilizados à análise foram compostos.

Destarte, ora mais, ora menos, o quadro de Américo – ícone condutor de todo o livro – sempre volta à baila por meio de charges, apropriações e reapropriações, referências cruzadas, releituras e seus significados em disputa, a independência e a morte cristalizadas no imaginário brasileiro, como se não mais importasse a origem e o destino da tela, mas sua indubitável existência cujo significado, embora teime em se fixar, reaparece sempre deslocado e/ou condensado.

Assim, são muitas as faces do sequestro da independência: em 1922, no seu centenário, uma verdadeira política de Estado para fazer do quadro de Américo o quadro oficial e São Paulo o estado oficial da independência; em 1972, no sesquicentenário, em plena ditadura, o traslado dos restos mortais de D. Pedro I, de Portugal para o Ipiranga, e a reconstrução de sua imagem como herói militar para “redimir” o país com espada em riste, até 2022, quando a medonha figura de um pastiche de chefe de Estado que, aos duzentos anos da independência do país, faz de uma motocicleta um cavalo e das mãos em riste um aceno anacrônico com o absolutismo do primeiro imperador.

Por essas e outras, o *Sequestro da independência* é um livro em que o leitor é convidado a refletir sobre como se retira o sentido original de uma imagem, uma personagem ou um evento e, “em seu lugar, acumulam outras interpretações que desrespeitam ou propositalmente desautorizam sua função inicial” (p. 281).

Enfim, o livro é construído por meio de linguagem fluida e acessível sem, entretanto, dispensar rigor empírico no tratamento das fontes e densas descrições na direção da crítica à história oficial, por meio da sistematização de uma iconologia comentada criticamente a fim de revisar, à contrapelo, a trajetória social e política do país e, assim, produzir uma outra e necessária narrativa da independência do Brasil.

## Referências

LIMA JUNIOR, Carlos.; SCHWARCZ, Lilia M.; STUMPF, Lúcia K. *O sequestro da independência: uma história da construção do mito do Sete de Setembro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, 378 p.